

MODERNISMO

LINGUAGENS- PROF. RAQUEL MONTEIRO

29.08.2024

meSalva!

MODERNISMO

1ª GERAÇÃO

1) **MÁRIO DE ANDRADE**

2) **OSWALD DE ANDRADE**

3) **MANUEL BANDEIRA**



raquelmonteiro_apostilas



deixaetecontar8082

O capoeira

— Qué apanhá sordado?

— O quê?

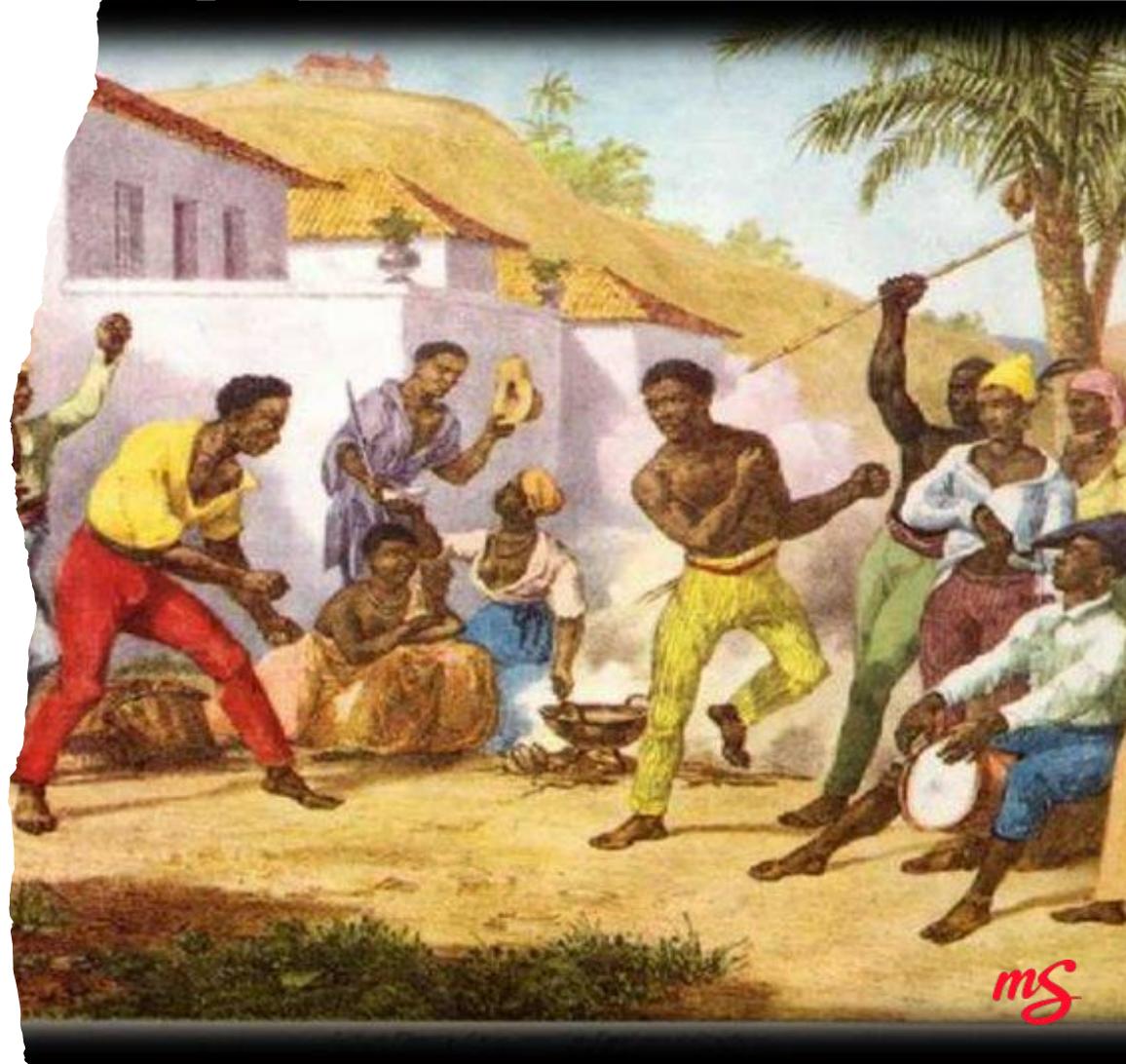
— Qué apanhá?

Pernas e cabeças na
calçada.

(Oswald de Andrade)

A cena parece ter ocorrido em um espaço urbano, por se
passar em um local onde se acha presente uma “calçada”.

Litografia. Johann Moritz Rugendas, 1835,
“Jogar capoeira ou danse de la guerre”



Os relatos de vários estrangeiros que observaram a escravidão no Brasil do século XIX mencionam que o suicídio era prática muito comum dos escravos. As mortes voluntárias entre os cativos são descritas tanto na forma passiva de recusar alimento e deixar-se morrer de tristeza, como no banzo, quanto na forma ativa – por enforcamento, afogamento, uso de armas brancas etc (OLIVEIRA; ODA)

medo da senhora

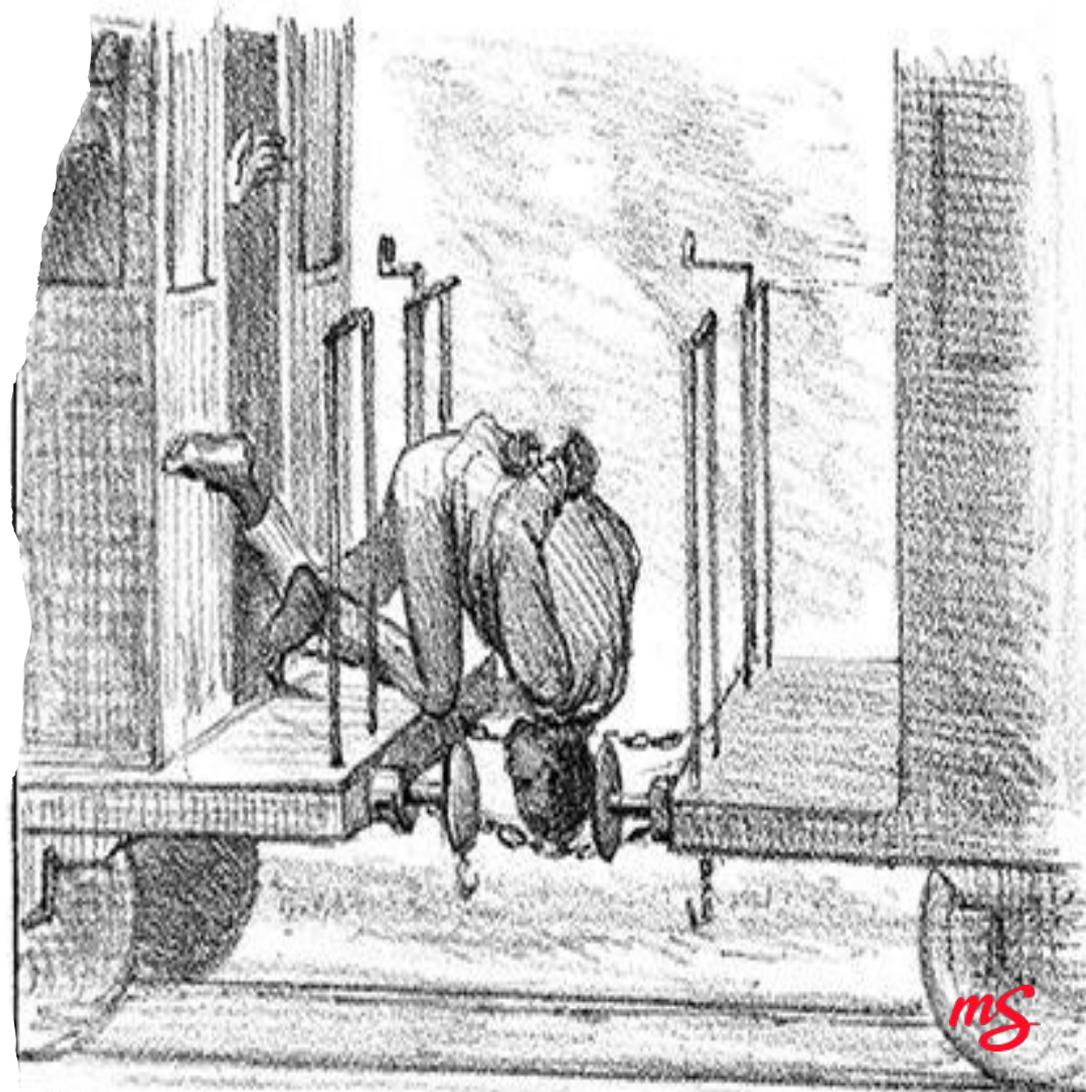
A escrava pegou a filhinha nascida

Nas costas

E se atirou no Paraíba

Para que a criança não fosse

judiada (Oswald de A.)



Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais



Oswald de Andrade

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor! (...)

INTERTEXTUALIDADE



- 1) Bom humor;
- 2) Linguagem coloquial;
- 3) Liberdade formal.

Adolescência

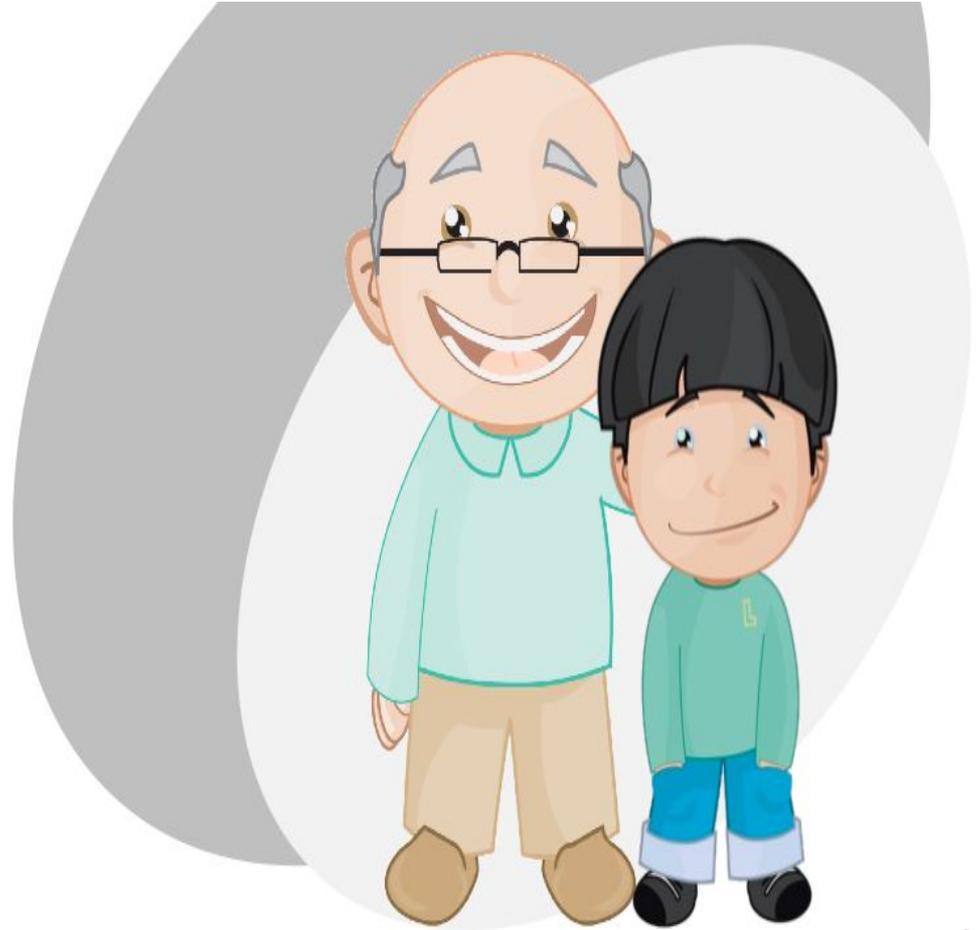
Aquele amor
nem me fale

Oswald



Velhice

*O netinho jogou os óculos
Na latrina*



meus sete anos

Papai vinha de tarde
Da faina de labutar
Eu esperava na calçada
Papai era gerente
Do Banco Popular
Eu aprendia com ele
Os nomes dos negócios
Juros hipotecas
Prazo amortização
Papai era gerente
Do Banco Popular
Mas descontava cheques
No guichê do coração
Oswald



- 1) Poesia de teor narrativo;
- 2) O sentimento sem sentimentalismo;

Relógio

*As coisas são
As coisas vêm
As coisas vão
As coisas
Vão e vêm
Não em vão
As horas
Vão e vêm
Não em vão*

- 1) A efemeridade da vida;
- 2) Recursos estilísticos que dão musicalidade;
- 3) Assunto filosófico de forma descontraída.



Macunaíma

Mário de Andrade

Prefácio de Márcia Fusaro

edições
câmara

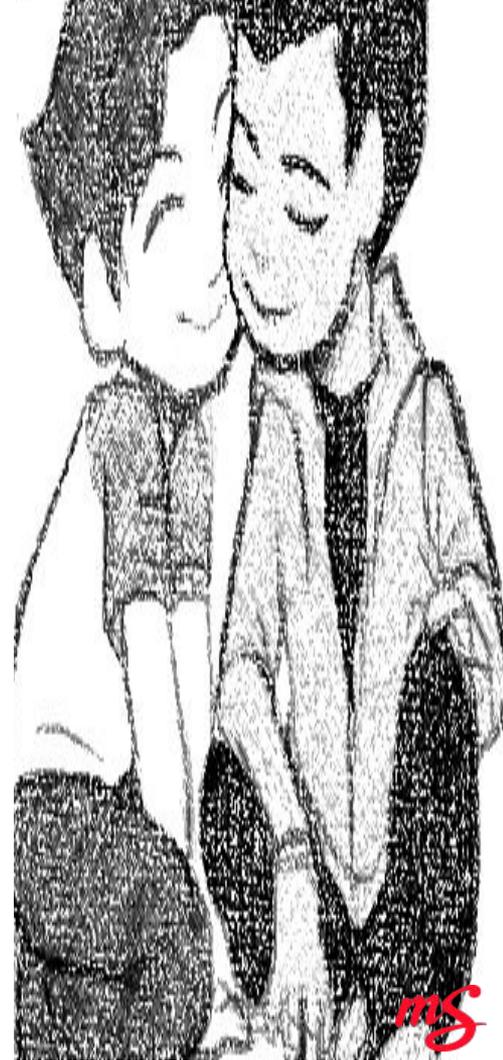


No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava: — Ai! Que preguiça!...

ms

FREDERICO PACIÊNCIA – MÁRIO DE ANDRADE

*Frederico Paciência... Foi no ginásio... Éramos de idade parecida, ele pouco mais velho que eu, quatorze anos. Frederico Paciência era aquela solaridade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de **segundas intenções**. E aquela cabelação pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que ele falava. Senti logo uma **simpatia deslumbrada** por Frederico Paciência, me aproximei franco dele, **imaginando que era apenas por simpatia**.*



*Mas se ligo a insistência com que ficava junto dele a outros atos espontâneos que sempre tive até chegar na força do homem, acho que se tratava dessa espécie de saudade do bem, de aspiração ao nobre, ao correto, que sempre fez com que eu me adornasse de bom pelas pessoas com quem vivo. Admirava lealmente a perfeição moral e física de Frederico Paciência e com muita sinceridade o invejei. Ora em mim sucede que a inveja não consegue nunca se resolver em ódio, nem mesmo em animosidade: produz mas uma competência divertida, esportiva, que me leva à imitação. Tive ânsias de imitar Frederico Paciência. **Quis ser ele, ser dele, me confundir naquele esplendor, e ficamos amigos.***

Erotismo singelo e alguma puerilidade

ms

Trecho do conto *Atrás da Catedral de Ruão*, Mário de Andrade

Às vezes, até mesmo com pessoas presentes, lhe acontecia aquela sensação “afrosa”, como diriam as meninas, na meia-língua franco-brasileira que se davam agora por divertimento. E as duas garotas pararam a leitura, percebendo a quarentona estremecer. Se entreolharam. Alba perguntou, meio curiosa mas também já meio irônica por causa das manias da professora:

– *Est-ce que vous avez froid par cette chaleur?...*

– *Non, ma chère enfant, je...*

Hesitava, iniciando uma daquelas reticências que punham sempre as três tão fogosamente na proximidade do perigo. Lúcia ajudou, tomando ar maternal:

– *Voulez-vous quelque chose?*

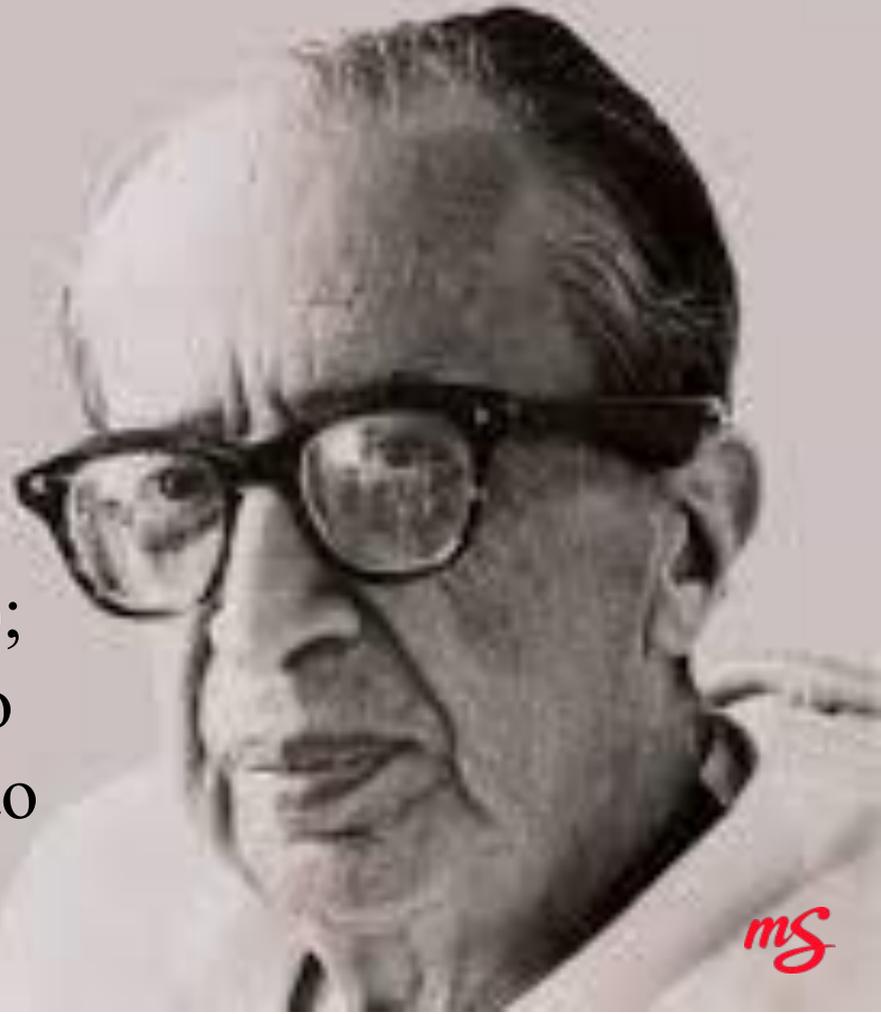
Trecho 2

Hesitava, iniciando uma daquelas reticências que punham sempre as três tão fogosamente na proximidade do perigo” –, e das construções vagas e ambíguas que representam a cumplicidade entre as três personagens em relação àquilo que não pode ser nomeado, mas que é muito desejado – “Um fraseio *sem pontos finais*, farto de ‘vous comprenez’, de ‘vous savez’, de ‘n’est-ce pas?’.

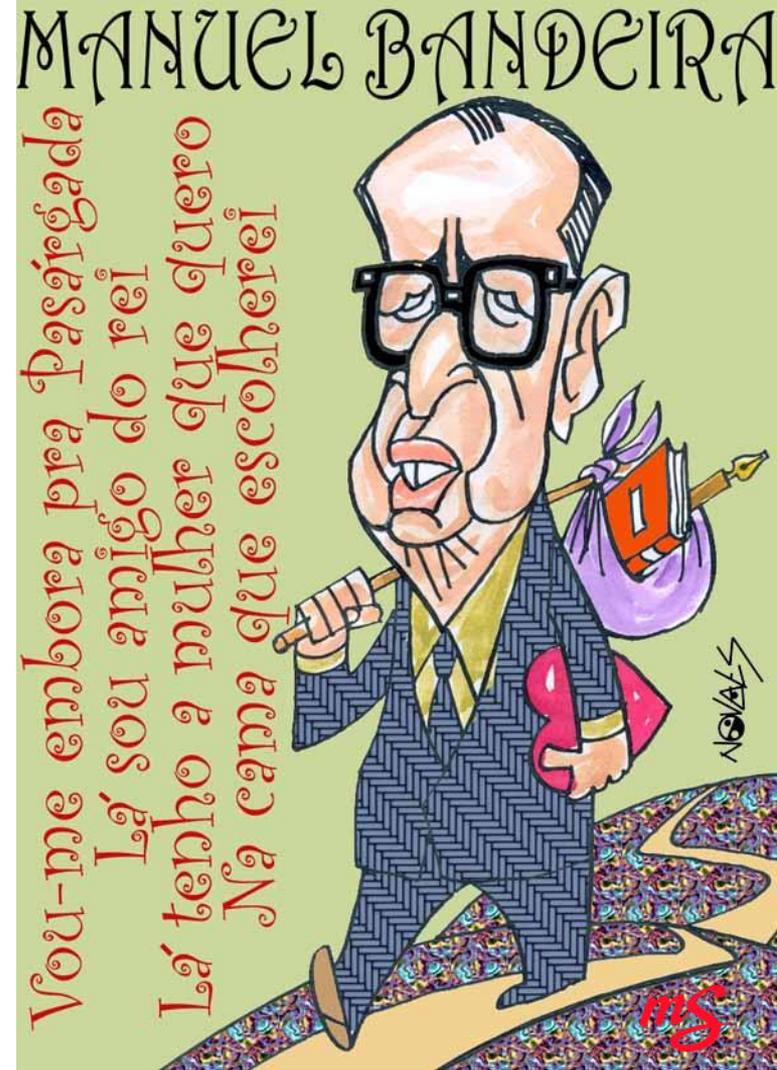


MANUEL BANDEIRA

- 1) Liberdade poética;
- 2) Saudosismo;
- 3) Autobiografia;
- 4) Presença do cotidiano;
- 5) Lirismo pessoal de influência simbolista (musicalidade, melancolia, indagação existencial);
- 6) Eixos temáticos: afeto, evocação da infância, incômoda aproximação da morte, desigualdade social;



- 7) Citação de personalidades do círculo familiar (os vultos familiares);
- 8) Ironia amarga;
- 9) Escapismo;
- 10) Erotismo;
- 11) Tom prosaico;
- 12) Tom de confiança





Manuel Bandeira, Portinari,
óleo sobre tela

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

Vou-me Embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz (...)

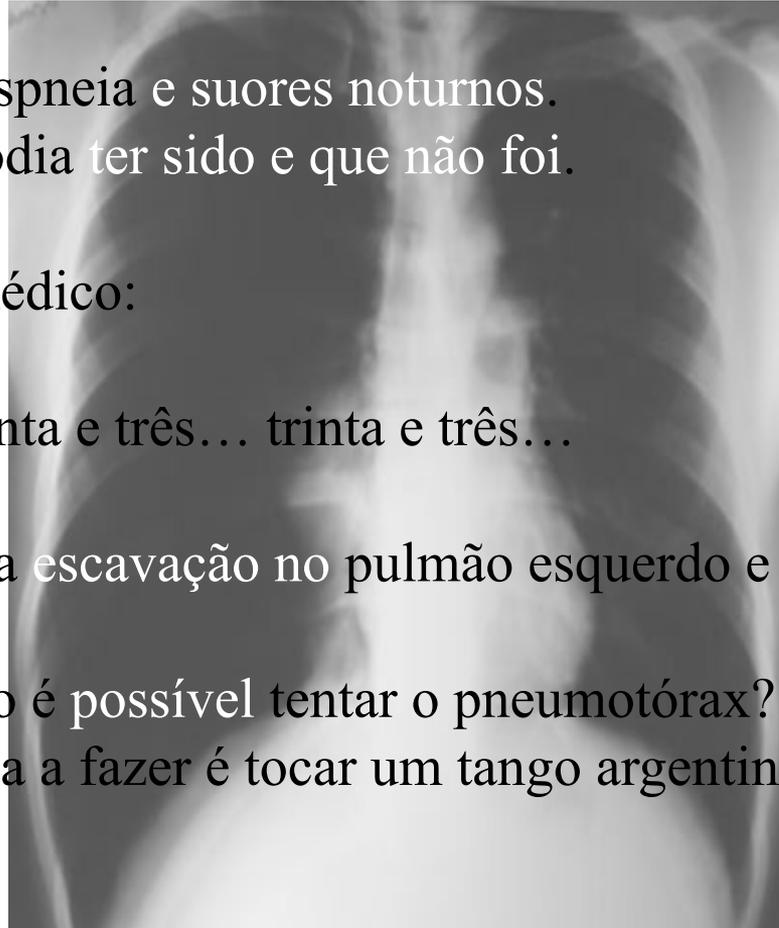
E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada

A CAMINHO DE PASÁRGADA

Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar(...)

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.

Pneumotórax



Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

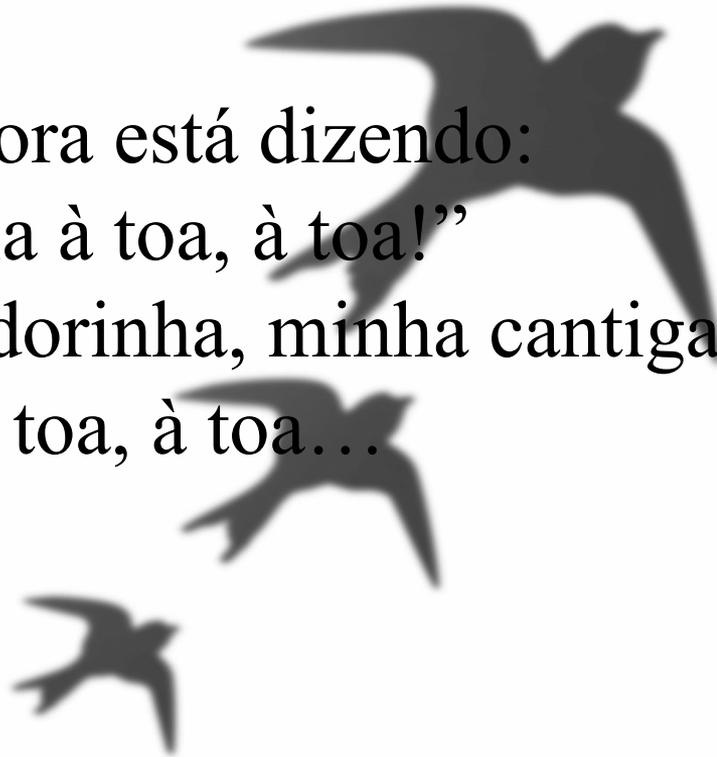
Andorinha

Andorinha lá fora está dizendo:

— “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

Passei a vida à toa, à toa...



Porquinho da Índia

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
— O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.



PORQUINHO DA ÍNDIA

Poética

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de
ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao sr.
diretor.
Estou farto do lirismo que para e vai
averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas
(...)

De todo lirismo que capitula ao que quer que
seja
fora de si mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos
secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as
diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc
Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare
— Não quero mais saber do lirismo que não
é libertação.

Madrigal tão Engraçadinho

Teresa, você é a coisa mais bonita que eu vi até hoje na minha vida,
inclusive o porquinho-da-índia que
me deram quando eu tinha seis anos.

BANDEIRA, M., *Libertinagem*, 1930.

MADRIGAL

- 1.composição poética concisa que exprime um pensamento fino, terno ou galante e que em geral se destina a ser musicada; surgiu no sXIV no Norte da Itália e teve sua época de maior difusão no sXVI, quando floresceu em toda a Europa.
- 2.2.
- 3.fala marcada pela galantaria afetada; cumprimento lisonjeiro; galanteio.

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando que o resto do corpo
nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face das águas.

BANDEIRA, M., *Libertinagem*, 1930.



meSalva!

 [mesalvaoficial](#)

 [mesalva](#)

 [mesalva](#)

 [mesalva](#)

[mesalva.com](#)